



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10289 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

MUITO ALÉM DO “PUNTO CERO”: PROVOCAÇÃO PARA UMA ESCRITA
ACADÊMICA NEGRA SEM GAMBIARRAS OU DISTANCIAMENTOS
EPISTEMOLÓGICOS

Luciana Ribeiro de Oliveira - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Ana Cristina da Costa Gomes - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

Resumo: Tomando como base nossas vivências enquanto estudantes negras de pós-graduação e identificando que estudantes que optam por trabalhar em suas pesquisas as questões negras, suas capilaridades e, por meio destas, propor caminhos epistemológicos outros, que levem em conta referenciais teóricos e metodológicos enunciadores daquelas produções intelectuais, se deparam com uma inquietante dificuldade na validação dessas propostas, configurando experiências de colonialidade, de epistemicídio e de sofrimento emocional. Não encontrando, na maioria dos estudos e bibliografias regulares de seus cursos, respaldo para suas reflexões é necessário estabelecer uma pesquisa paralela que seja possível atingir os seus objetivos teóricos para além do “*punto cero*” (CASTRO-GÓMEZ, 2005) que se impõe no ambiente acadêmico. Este é o problema que pretendemos destacar nesta pesquisa parcial que tem como base o levantamento das referências apresentadas em dissertações e teses do programa de 2015-2020 e observar o currículo do programa a partir de autores mais recorrentes que compuseram as bibliografias e em que temas. Buscamos observar quantos orientadores/as do programa que pertencemos apresentam bibliografias que contemplem essas temáticas. Observamos que estudantes que buscam as epistemologias negras trabalham produzindo “gambiarras teóricas” para ultrapassarem o distanciamento epistemológico dos currículos da pós-graduação.

Palavras-chave: Colonialidade, Epistemicídio, distanciamento epistemológico, Gambiarra Teórica, Currículo.

Uma árvore sozinha não compõe uma floresta.

(provérbio Yorubá)

Este estudo é uma interseção de duas pesquisas de doutoramento em educação que se encontram nas confluências de um rio chamado: distanciamento epistemológico colonial e a insurgência de recomposições epistêmicas do currículo de pós-graduação em educação. Consideramos ~~os~~ nossos lugares de pesquisadoras negras que levam aos seus estudos

acadêmicos o constante conflito de materializar a disputa política e epistemológica que encaminhamos dentro daquele cenário em que muitas vezes nossos referenciais de estudos não são validados, nos expondo à colonialidade (QUIJANO, 2010) e ao epistemicídio (CARNEIRO, 2005).

Sendo parte constitutiva da modernidade, a colonialidade se estabelece a partir da “classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder e opera em cada um dos planos, meios e dimensões materiais e subjetivos, da existência social cotidiana e da escala societal” (QUIJANO, 2010, p.84), situando o racismo como “uma lógica estruturante de todas as configurações sociais e relações de dominação da modernidade” (GROSFOGUEL, 2019, p.59). Agindo na fixação dos lugares de inferioridade, fragiliza suas subjetividades, atingindo dimensões do ser, do saber e poder.

O epistemicídio que trazemos, pelo nosso interesse de refletir sobre o estudante negro, mesmo que na pós-graduação, é o apresentado por Sueli Carneiro (2005) que, reconhecendo que Boaventura de S. Santos (1995) aborda a questão da desqualificação e anulação dos conhecimentos e saberes dos povos subjugados, a filósofa ajusta a lente para a existência de uma face negra desse

(...) processo persistente de produção da indigência cultural(...); pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da auto-estima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a seqüestra, mutila a capacidade de aprender etc. (CARNEIRO, 2005, p.97)

Nesse sentido, apontamos a urgência de ultrapassarmos *La hybris de punto cero* identificado por Castro-Gómez (2005), no qual o pensamento europeu se coloca como neutro, universal, capaz de ser o ponto de partida para o pensar, deixando o Outro como o que está à margem da razão. Este posicionamento é uma continuidade da política de dominação que, em nome do científico, silencia as muitas enunciações. E esta é a experiência vivida no currículo acadêmico que nos impõem construir “gambiarras^[1]” para assim atravessarmos o distanciamento epistemológico que somos submetidas neste percurso.

Definimos como “gambiarras teóricas” quando aproximamos os escritores negras e negros, indígenas, latinos, que trabalham e produzem epistemologias outras fora do ciclo canônico acadêmico, indicando que aquela temática pode ser abordada seguindo diferentes lógicas de estar no mundo ou, mais do que isso, comprovando que é possível aprofundar dada questão indo e vindo por trajetos outros. Este é um exercício para reverter o imaginário hegemônico que inventa e exclui o Outro dos lugares de saber. Contrapõe-se a dinâmica da modernidade que produz um mundo em que fora dele só há a impossibilidade.

Este processo de procurar outras referências, validando as enunciações das margens,

ao mesmo tempo que buscamos afirmar, diante deste espaço, nossas racionalidades, criticidades, é como se tivéssemos que comprovar a nossa existência intelectual e ainda convencer os que nos acompanham que ao ver e ouvir outras abordagens teóricas, acatando-as para dentro de seus projetos, também é um modo de ver e de ouvir os sujeitos que as produzem.

Para percebermos o epistemicídio, as gambiarras, o volume do distanciamento epistemológico, realizamos três breves levantamentos: recorreremos às referências das dissertações e teses defendidas do ano de 2015 a 2020, período que temos frequentado a pós-graduação nesta instituição a que pertencemos, observando quais autores aparecem ali e quais temas da educação estão vinculados. Consideramos para esse estudo, as pesquisas cuja temática traga como foco negros, feminismo negro, e as questões indígenas, os de feminismo e gênero, meio ambiente e que são apresentados a partir da perspectiva decolonial.

Outro levantamento foi nos grupos de pesquisa do programa e seus projetos, identificando quantos se colocam em aliança com uma produção mais ou menos decolonial e que explicita, ou pela definição de seu trabalho ou pela escolha de seus referências de estudo a abertura para construção de paradigmas outros, comprometidos com a visibilidade e audibilidade (TRINDADE, 2014) dessas outras epistemologias que se colocam em disputa. Nos atentamos a identificar se há autores negros e negros apresentados nas disciplinas que são obrigatórias para os estudantes de mestrado e doutorado, entendendo que o sentido dessas aulas é contribuir para que os estudantes possam delinear seus trajetos teóricos-metodológicos.

Os caminhos que percorremos nos trouxeram alguns pontos uma vez que nos aproximamos dessas fontes que agora elegemos para compreender as dores e entraves de produzir pesquisa negra no espaço acadêmico a partir de paradigmas que deem conta da amplitude, especificidade e profundidade que a complexa vivência escolar negra representa ainda que, como nós, esteja na pós-graduação. O que fizemos neste momento foi jogar um olhar talvez mais queixoso do que investigador para o nosso contexto, contudo um olhar reflexivo e, diríamos, decolonial. Isto porque trazemos a urgência de uma ação que não fique no plano da denúncia do epistemicídio, mas que nos indique possibilidades de ampliarmos nossos fazeres epistêmicos para formas outras de produzir conhecimento, compreender cultura, política, corpo, religião, que não estejam fadadas ao discurso colonial que racializa e hierarquiza grupos sociais.

Do ano 2015 a 2020 foram defendidas 26 dissertações, de diferentes grupos de pesquisa, que trazem em seus estudos as temáticas que foram anteriormente definidas. As pesquisas foram identificadas pelo título e nome do/a orientador/a. Em relação ao doutorado, foi defendida uma tese em 2019 e duas em 2020, que se enquadram em nosso estudo. As teses ainda não estão disponibilizadas para acesso no site do programa e, na mesma situação, se encontram as dissertações cuja defesa ocorreu em 2020, por esta razão não constam em nossas análises.

Ao examinarmos as referências, constatamos que a maioria apresenta pelo menos um nome dos que aqui trataremos como clássicos do estudo acadêmico, por exemplo, Max Weber, Karl Marx, Mikhail Bakhtin, Michel Foucault, Lev Vygotsky, Pierre Bourdieu, Walter Benjamin, Michel de Certeau e Carlo Ginzburg. Outro aspecto que nos chamou a atenção foi o fato de pouco encontrarmos referências negras em discussões sobre letramento, alfabetização e escrita, infância e juventude, cidade, luta pela terra, movimentos sociais, classes sociais e ainda currículo, história da educação e formação de professores. Na maioria das vezes esses autores/as podem aparecer em breves citações, mas não são a sustentação teórica.

Diante disso, fazemos algumas perguntas sobre essas bibliografias: será que os currículos que nos são ofertados, darão conta das questões raciais que queremos refletir? Existem autores negras e negros que já discutem determinada especificidade da educação? Por que não escavar referências de intelectuais negras e negros, “que, por diversos motivos e até pela luta por hegemonia no campo do conhecimento, foram esquecidos, invisibilizados e relegados ao ostracismo” (GOMES, 2019, p. 232). De que maneira podemos confrontar a colonialidade em nossas pesquisas e reflexões?

Essas perguntas podem ser levadas às aulas de metodologia de pesquisa, campo em que a presença de autoras e autores negros nas referências é praticamente zero e isso, certamente tem a ver com outro lugar sobre o qual repousou nossa observação que foi o das disciplinas obrigatórias. O Mestrado oferece na formação geral as disciplinas Pensamento Educacional no Brasil e Epistemologia Pesquisa em Educação, não é comum serem apresentados, autores negros e negras e, na formação específica, em que temos Temas em Práticas Educativas, Linguagens e Tecnologia e Temas em Políticas, História e Cultura em Educação poderá ser ofertado, embora não tenhamos tido até este momento. No doutorado, na formação geral temos: Educação e Sociedade: questões teórico-epistemológicas e Educação e Sociedade: questões contemporâneas em pesquisa, vale ressaltar, no entanto, que em 2018, as turmas de mestrado e doutorado estudaram texto de um único autor negro indicado na bibliografia básica. Neste caso, consideramos que ocorreu pelo fato de as aulas serem ministradas por um professor visitante, pesquisador da interculturalidade no campo afro-indígena, fato positivo uma vez que o programa buscou um professor visitante pesquisador de outras temáticas. As disciplinas de formação específica que são as Atividades de Pesquisa e os Seminários de Pesquisa e de Tese, oferecem mais possibilidades de encontrarmos esses/as autores/as, o que tem a ver com quem está à frente da disciplina. Em geral, os/as professores/as que oferecem tais referências são os/as que já trabalham com elas e, os que em algum momento aproximam o campo teórico com outras reflexões.

O programa de pós-graduação tem 21 grupos de pesquisa e quatro apresentam na descrição a aproximação epistemológica que sejam decoloniais e ainda informações explícitas sobre diáspora africana, povos tradicionais, injustiça cognitiva, afrodescendência. E o que isto quer dizer? Diz de uma necessidade que se faz cada vez mais urgente no campo epistêmico, do enfrentamento à colonialidade, do romper com a ideologia hegemônica que Castro-Gómez alerta ao denunciar o “*punto cero*” que produz o distanciamento epistemológico quando investigamos temáticas raciais, sejam elas quais forem, porque não atravessam nosso viver, nossos cotidianos, a vida dos nossos e, conseqüentemente, as nossas pesquisas.

CONCLUSÕES

Ainda que as conclusões não se fechem, o esforço deste trabalho configura-se no sentido de provocar uma reflexão sobre uma urgência decolonial de confrontarmos a colonialidade e o epistemicídio na construção do conhecimento na pós-graduação em pesquisas de educação que pretendem dialogar com a temática racial, em que as gambiarras teóricas não sejam necessárias e que nosso rigor científico não seja avaliado de acordo com nosso campo teórico. Queremos, para além da universalidade, pensar numa pluriversalidade possível a partir de construções outras de conhecimentos que se fazem presente na história deste país, muitos séculos antes do primeiro navio colonizador aportar por aqui. Krenak (2019) nos diz que podemos viver em harmonia e equilíbrio neste mundo se, ao invés de pensarmos a humanidade, pensássemos a pluralidade.

Ao olhar nossa experiência na pós-graduação nos reafirma que estamos em movimento muscular epistêmico pedagógico, político e militante de decolonizar a produção

de conhecimento na perspectiva negra, fruto da coragem, do enfrentamento, da disposição de ativistas do Movimento Negro, e de quem acredita que uma educação que busque a democracia, igualdade, inclusão e liberdade não se dará enquanto não se puser abertamente antirracista, não-sexista, não-discriminatória e que provoquem e tragam para o campo da educação as inquietas e provocadoras maneiras outras de pensarmos a construção de conhecimento.

Referências Bibliográficas

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. 339 f. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago, **La hybris del punto cero: ciencia, raza e ilustración en la Nueva Granada (1750-1816)**. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2005.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019

GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos. In: BERNADINO-COSTA, Joaze; MALDONATO-TORRES, Nelson; GROSGUÉL, Ramón. **Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. pp. 223-246.

GROSGUÉL, Ramón. Para uma visão decolonial da crise civilizatória e dos paradigmas da esquerda ocidentalizada. In: BERNADINO-COSTA, Joaze; MALDONATO-TORRES, Nelson; GROSGUÉL, Ramón. **Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. pp. 55-78.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Souza, MENEZES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

SANTOS, S. Boaventura. **Pela Mão de Alice**. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Olhando com o coração, sentindo com o corpo todo no cotidiano escolar. In: TRINDADE, Azoilda Loreto da; SANTOS, Rafael do. **Multiculturalismo das mil faces**. Petrópolis: DP, 2014.

[1] Palavra usada para definir algo feito de improviso.